

LAR, DOCE LAR: O IDEAL SOCIAL DE CONSTRUÇÃO FAMILIAR E A SUA RELAÇÃO COM A (SOBRE)VIVÊNCIA DE MULHERES EM VÍNCULOS AMOROSOS VIOLENTOS

MYLENA GRAEBNER PEREIRA¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – graebnermylena@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo surge das ideias elaboradas no Trabalho de Conclusão de Curso, articulado ao Núcleo de estudos e pesquisa em Psicanálise – Pulsional, do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas. Esse foi desenvolvido com a finalidade de pensar a relação entre a constituição narcísica de mulheres brancas cisgênero heterossexuais e a sobrevivência em vínculos amorosos violentos. Ao olhar para essa constituição, que é atravessada pelas dinâmicas sociais, nos deparamos com diversas normas impostas a essas mulheres, que se relacionam diretamente a permanência delas em vínculos amorosos violentos.

Realizamos o recorte de raça, gênero e orientação sexual pois entendemos as mulheres como um grupo plural, por isso pensamos a constituição delas também de modos distintos. Assim, a vivência em relações amorosas deve ser pensada levando em consideração seus marcadores sociais, e isso fica nítido quando vemos as taxas de violência dentro dessas relações a partir da interseccionalidade de raça. Segundo pesquisa, mulheres negras estão expostas a níveis de violência muito mais elevados do que mulheres brancas (DATAFOLHA, FBSP, 2023). Desse modo, é possível pensar em um avanço maior no combate a violência para as mulheres brancas - mesmo que ainda pequeno -, na diferença da constituição e na forma como mulheres brancas e negras vivenciam suas relações amorosas em função de normativas sociais impostas.

Desse modo, proponho um olhar especial para uma dinâmica que constitui a sociedade e atravessa as mulheres dessa pesquisa: a construção de uma família. Aqui diálogo com ideal de família imposto pela sociedade, levando em consideração que essa ideia não é da ordem do espontâneo, mas sim construída a partir dos ideais sociais e históricos (BIROLI, 2018). Assim, para as mulheres, a construção de uma família, em seu formato tradicional, esteve e segue vinculado à ideia de felicidade e conquista. Zanello (2018) pontua o quanto a ideia de sucesso na vida das mulheres está atrelada a ser escolhida por um homem para ser sua esposa e permanecer nessa posição. Por isso, a conquista e manutenção de uma família torna-se tão importante para as mulheres, fazendo com que elas permaneçam em relacionamentos na busca da felicidade prometida socialmente.

Desse modo, a reflexão que proponho aqui é o quanto a promessa de felicidade na constituição de uma família se torna uma dinâmica que influencia a permanência das mulheres brancas heterossexuais em vínculos amorosos violentos. Cabe ressaltar que esses vínculos têm em sua base a naturalização da violência contra a mulher e dentro do ambiente familiar, o que torna ainda mais difícil o rompimento dessas relações. Quando nos referimos à violência,

pensamos nela para além da violência dentro do relacionamento amoroso, mas também na violência dentro da dinâmica familiar, por exemplo, quando às mulheres é responsabilizado todo o cuidado da família, gerando sobrecarga e exaustão à elas. Essa violência é naturalizada pelo Sistema Familista, que tira toda responsabilidade de cuidado do Estado e direciona à família, nesse caso, às mulheres (GESSER, ZIRBEL, LUIZ, 2022). Portanto, a naturalização das violências, somadas ao ideal de família imposto às mulheres, torna-se fator importante a ser refletido quando pensamos nas violências contra a mulher.

Assim, propondo uma discussão inicial, desconstruo a ideia de “lar, doce lar”, ou seja, o lar enquanto família e espaço físico sinônimos de bem estar e segurança, trazendo a realidade das mulheres brasileiras, que se mostra oposta a essa visão de lar socialmente construída. Desse modo, neste momento, reflito brevemente acerca da relação entre a construção do ideal de família que atravessa a constituição psíquica de mulheres brancas cisgênero heterossexuais e a permanência em vínculos amorosos violentos.

2. METODOLOGIA

O resumo surge como recorte de um trabalho maior, realizado a partir de uma revisão bibliográfica com base no método psicanalítico, em diálogo com os estudos feministas e de gênero. Esse método possibilita a articulação entre o teórico e o subjetivo através do processo transferencial entre a autora e a temática, gerando uma pesquisa singular e implicada (FIGUEIREDO, MINERBO, 2006). Assim, realizo um movimento contra a falsa ideia de neutralidade e distanciamento do objeto de estudo, sem a finalidade de universalizar e determinar uma verdade absoluta (DOCKHORN, MACEDO, 2016).

Assim, realizo a pesquisa com base no que Haraway (2009) chama de saberes localizados, corporificando o conhecimento de forma crítica e parcial, entendendo a responsabilidade como primordial ao realizar uma pesquisa (HARAWAY, 2009). Desse modo, posiciono meu lugar de pesquisadora que possui um corpo e uma história realizando uma costura entre teoria, sociedade e afetos, aproximando a pesquisa da sociedade e fazendo com que chegue a ela conhecimentos produzidos sobre mulheres e para mulheres.

Portando, com o intuito de realizar uma pesquisa ética e cuidadosa, além de corporificar e atentar para meu sujeito como pesquisadora, delimito um recorte de gênero, raça e orientação sexual, de modo a não universalizar o ser mulher. Assim, penso a constituição de mulheres brancas cisgênero heterossexuais, articulando com algumas diferenças das vivências dessas com mulheres de outros recortes. Assim, é possível ver a necessidade de olhar para os sujeitos como singulares e atravessados por seus marcadores sociais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quando falamos na constituição dos sujeitos, é imprescindível pensar que essa ocorre diretamente ligada ao meio no qual estão inseridos, sendo a sociedade e a cultura bases dessa subjetivação. Partindo disso, na grande maioria das sociedades, a constituição é atravessada pela ideia de gênero, ou seja, antes mesmo de nascer, o sujeito torna-se homem ou mulher. Zanello (2018) dialoga com o assunto e pontua que o gênero é um fator estruturante nas sociedades, havendo “scripts” e expectativas normativas diferentes sobre o que é ser um homem ou uma mulher.

Partindo disso, a constituição psíquica é atravessada pelos marcadores sociais de cada sujeito, ou seja, as normas sociais impostas às mulheres estão diretamente vinculadas ao que se espera do ser mulher na sociedade. Todavia, além do gênero, outros marcadores determinam essas normas, fazendo com que a existência de cada mulher seja constituída de modo singular.

Desse modo, quando nos propomos a olhar para essas normas sociais, nos deparamos com duas grandes dinâmicas que atravessam as mulheres brancas: o cuidado do outro e a busca de um relacionamento amoroso (ZANELLO, 2018). O primeiro diz sobre a naturalização das mulheres enquanto cuidadoras natas, a ideia de que elas teriam um instinto materno de cuidado. O segundo diz sobre a imposição, desde a infância, da busca por um relacionamento amoroso como primordial em suas vidas. Assim, a sociedade vincula a relação com um homem ao sucesso na vida das mulheres brancas heterossexuais, e essa relação deve ser baseada na domesticidade feminina, na maternidade e no amor romântico (BIROLI, 2018).

Essas duas dinâmicas que marcam a existência das mulheres de forma significativa, fazem com que elas destinem grande parte de seu tempo e energia aos homens e, acabam se tornando grandes alicerces para uma outra imposição social: a constituição de uma família (BIROLI, 2018). Como já mencionado, gênero é um determinante importante quando olhamos para as dinâmicas que atravessam os sujeitos, por isso a constituição de uma família possui significados diferentes para homens e mulheres.

Desse modo, as mulheres são intensamente interpeladas pela ideia de formação e manutenção de uma família e de um lar. Isso ocorre, principalmente, através da ideia, disseminada pela sociedade, das relações como essencial para a realização e felicidade dessas mulheres (ZANELLO, 2018). Todavia, segundo dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2023), a casa é o principal cenário dos feminicídios realizados no país, sendo o ambiente mais inseguro para as mulheres. Ainda, o companheiro da vítima (ex ou atual) é o responsável por 84,2% das mortes, e quando consideramos também outros familiares, o percentual chega a 97,3% (ANUÁRIO, 2024). Desse modo, os dados nos trazem uma realidade completamente oposta ao que é prometido às mulheres.

A questão a ser refletida é o quanto a construção social da família enquanto essencial para a vida das mulheres leva a permanência delas em ambientes inseguros. Biroli (2018) pontua que as visões idílicas que foram construídas da família servem para ocultar várias formas de violência e, o quanto a família foi, historicamente, vantajosa para quem pode exercer poder e agredir. Dessa forma, a violência doméstica afeta as pessoas mais vulneráveis do âmbito familiar: mulheres, crianças e idosos. Assim, às mulheres dedicam seu tempo, energia e abrem mão de sua segurança para permanecer dentro dessa dinâmica imposta socialmente. (ZANELLO, 2018)

Escapar desta dinâmica torna-se muito difícil pois a busca pelo status de mulher bem sucedida, ou seja, da mulher que possui uma família, atravessa a constituição delas. Desse modo, por se tratar de uma dinâmica que constitui a base do psiquismo, podemos pontuar como um fator identitário em suas vidas. Por isso, o rompimento de uma dinâmica familiar, independente do quão violenta seja, adquire a conotação social de fracasso. Zanello (2022) relaciona esse fracasso com o retorno ao que ela nomeia de “Prateleira do amor”. Segundo a autora, as mulheres seriam subjetivadas e posicionadas em uma prateleira a partir do padrão de beleza socialmente imposto, ou seja, quanto mais próxima do padrão, mais bem posicionada ela estará na prateleira e terá mais chances de ser

escolhida para estar em uma relação amorosa. Assim, romper com um relacionamento significa que a mulher retornará a prateleira para, novamente, aguardar ser escolhida por um homem enquanto recebe o título de “encalhada” (ZANELLO, 2022). Desse modo, para não retornar à prateleira e seguir preenchendo todos os requisitos na lista de uma mulher de sucesso, muitas mulheres acabam permanecendo em relações marcadas por diversas violências.

A metáfora da prateleira do amor enfatiza a diferença das relações e, consequentemente a formação de uma família, de mulheres com diferentes marcadores sociais. Enquanto mulheres dentro dos padrões estão em locais privilegiados da prateleira e são escolhidas pelos homens para relacionar-se amorosamente, mulheres fora desse padrão não são escolhidas, ou quando escolhidas não são assumidas para constituírem uma família. Por isso, a importância do olhar para as mulheres enquanto não universais. Assim, esse resumo reflete a vivência de mulheres brancas cisgênero heterossexuais, que apesar de sofrerem diante do atravessamento dessa dinâmica, ainda possuem o “privilégio” de serem escolhidas por estarem dentro do padrão imposto.

4. CONCLUSÕES

Após décadas de silenciamento e culpabilização da vítima dentro de casos de violência em relacionamentos amorosos, refletir sobre as dinâmicas que atravessam as mulheres cisgênero brancas heterossexuais e que influenciam na permanência delas nessas relações se mostra essencial para que comece a haver mudanças. Essas mudanças começam na identificação e na possibilidade de conhecimento para todas as mulheres, de modo que possa haver uma reflexão inicial sobre os atravessadores que as constituem. Cabe ressaltar ainda que existem outras dinâmicas que atravessam o ideal de família e são alicerces na permanência das mulheres em vínculos amorosos violentos, como a questão financeira, mas que devido ao reduzido espaço não foi possível elaborar melhor. Mas, como já mencionado, este precisa ser o início de uma discussão maior e mais longa, pois somente assim será possível pensarmos na redução dos casos de violência em vínculos amorosos e familiares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor**. Curitiba: Appris Editora, 2022.
- ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos**: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.
- BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2018.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 39, n. 70, pág. 257-278, 2006.
- DOCKHORN, Carolina Nelman de Barros Falcão; MACEDO, Mônica Medeiros Kother Estratégia Clínico-Interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, V. 31, n. 4, pág. 529–535, 2016.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.
- DATAFOLHA; PÚBLICA, Fórum Brasileiro de Segurança. **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4º edição, 2023.
- GESSER, Marivete; ZIRBEL, Ilze; LUIZ, Karla Garcia. Cuidado na dependência complexa de pessoas com deficiência: uma questão de justiça. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 30(2): e86995, 2022.